

I JORNADA INTERCULTURAL: MUSASA IA KWÁWA

I Intercultural Conference: musasa ia kwáwa

Aline Zorzi Schultheis de Freitas¹

Dayse Silveira da Silva²

Nara Bezerra de Oliveira³

Resumo: A I Jornada Intercultural: musasa ia kwáwa teve como objetivo oportunizar indígenas e não indígenas de compartilhar conhecimentos e culturas. O evento, fomentando pelo Programa de Eventos Culturais (PAEVE) da Pró-Reitoria de Extensão do IFAM, aconteceu no dia 06 de novembro de 2017 no *Campus* Manaus Zona Leste e contou com a participação 84 indígenas do Parque das Tribos Tarumã, 9 docentes, 11 Técnicos Administrativos, 102 estudantes, totalizando 206 participantes. A intenção da ação não era apenas fazer um encontro que tratasse da temática indígena, mas sim um evento que desde a sua concepção tivesse participação ativa da comunidade indígena e buscasse um intercâmbio de conhecimento entre indígena e a comunidade acadêmica, pois entendemos que não existe cultura superior ou inferior a outra, mas existem culturas diferentes que precisam ser valorizadas e respeitadas na convivência em sociedade. Esse relato de experiência irá narrar os resultados do evento.

Palavras-chave: Intercultural. Indígenas. Compartilhar.

Abstract: *The 1st Intercultural Journey: musasa ia kwáwa had the objective of giving indigenous and non-indigenous people the opportunity to share knowledge and cultures. The event, sponsored by the Cultural Events Program (PAEVE) of the Pró-Rectorry of Extension of IFAM, took place on November 6, 2017 at the Manaus Zona Leste and counted on the participation of 84 indigenous people from the Tarumã Tribes Park, 9 teachers, 11 Administrative Technicians, 102 students, totaling 206 participants. The intention of the action was not only to make a meeting that dealt with the indigenous theme, but rather an event that from its conception had an active participation of the indigenous community and sought an exchange of knowledge between indigenous and academic community, because we understand that there is no culture superior or inferior to another, but there are different cultures that need to be valued and respected in the coexistence in society. This report of experience will tell the results of the event.*

Keywords: Intercultural. Indigenous. Share.

¹Mestra em Educação Escolar, Coordenadora Geral de Ações Inclusivas da Pró-Reitoria de Extensão, Instituto Federal do Amazonas - IFAM/PROEX. aline.schultheis@ifam.edu.br

²Mestranda em Educação do Campo, Docente, Instituto Federal do Amazonas, *Campus* Manaus Zona Leste - IFAM/CMZL. dayse.silva@ifam.edu.br

³Graduada em Gestão Pública, Coordenadora Geral de Programas e Projetos da Pró-Reitoria de Extensão, Instituto Federal do Amazonas - IFAM/PROEX. nara.bezerra@ifam.edu.br

INTRODUÇÃO

A extensão no âmbito dos Institutos Federais é concebida como “o processo educativo, cultural, político, social, científico e tecnológico que promove a interação dialógica e transformadora entre as instituições e a sociedade, levando em consideração a territorialidade” (FORPROEXT, 2015, p. 1). A partir desse conceito, as atividades de extensão buscam uma construção coletiva de conhecimentos, na qual tanto comunidade interna quanto comunidade externa assumem o papel de educador e educandos, pois ao mesmo tempo em que ensinam, aprendem também, havendo assim, uma troca de conhecimentos (FREIRE, 1987).

A Amazônia com sua diversidade cultural pode ser palco de compartilhamento, não só de conhecimentos, mas também de culturas. Portanto, o Instituto Federal do Amazonas tem buscado estreitar os laços com as comunidades externas a fim de promover um ambiente de troca de conhecimentos e culturas entre comunidade e instituição. Um desses estreitamentos tem ocorrido com o Parque das Tribos Tarumã. O Parque foi criado em 2014, com o objetivo de coordenar e executar o processo de gestão de atenção a moradias para pessoas de minorias étnicas, educação, saúde indígena, direitos sociais específicos para os indígenas em todo Território Nacional. Atualmente, no Parque residem aproximadamente 732 famílias indígenas, de 23 etnias diferentes, entre elas Apurinã, Baniwa, Baré, Dessano, Karapãna, Saterémawé, Pira-tapuia, Tucano, Kuripako, Mura, Miranha, Kokama, Tykuna, Marubo, Tuyuka, Barassana, Witoto. Além de conviverem em harmonia, os indígenas que habitam o Parque realizam diversas atividades que têm como objetivo o fortalecimento das culturas tradicionais. Entre as atividades realizadas no Parque podemos citar: pintura

corporal, artesanato, danças, alfabetização em línguas indígenas, etc.

Neste contexto, nasceu a proposta da “I Jornada Intercultural: musasa ia kwawá” com o objetivo de oportunizar indígenas e não indígenas de compartilhar conhecimentos e culturas.

Enfatizamos que pensamos em cultura no plural. “A multiplicidade das culturas, a necessidade que a cultura tem, por seu próprio conceito, de ser ‘cultura no plural’, radica na própria complexidade humana, ou seja, nessa mescla de finitude e de infinitude que é o ser do homem” (MENESES, 2011, p.2). Ao escolhermos utilizar culturas e não cultura, queremos dar ênfase à diversidade cultural presente no estado do Amazonas.

Outro aspecto da Jornada é que não se pensa em um evento para os indígenas, mas sim com eles. Assim, a proposta foi fruto de uma construção coletiva e colaborativa, na qual todos os envolvidos, indígenas, estudantes e servidores, foram sujeitos ativos durante a concepção e execução do projeto.

Durante o evento realizou-se atividades que demonstraram a cultura indígena presente no Parque das Tribos Tarumã e ao mesmo tempo demonstraram a cultura de servidores e estudantes do IFAM, havendo assim um intercâmbio cultural. Os protagonistas das atividades foram os próprios comunitários do Parque das Tribos e a comunidade acadêmica do IFAM.

Figura 1: Abertura do evento.



Fonte: Arquivo da PROEX, 2017.

A JORNADA INTERCULTURAL: DA CONCEPÇÃO À EXECUÇÃO

Para iniciar a construção coletiva, uma equipe da Pró-Reitoria de Extensão do IFAM, junto com servidores do *Campus* Manaus Zona Leste visitaram o Parque das Tribos Tarumã. Durante a visita foi apresentando aos comunitários a proposta do evento e feito o levantamento das atividades que poderiam ser realizadas pelos indígenas e quais as atividades eles teriam interesse de aprender. Desde o primeiro contato, os comunitários do Parque das Tribos Tarumã abraçaram o projeto e contribuíram efetivamente na realização do evento.

O Parque das Tribos Tarumã foi o responsável pela escolha do nome da Jornada, que parte está na língua portuguesa e parte na língua nheengatu. A expressão “musasa ia kwawá” significa troca de experiências na língua nheengatu.

Nessa fase de diagnóstico foi solicitado aos indígenas que apontassem temas que poderiam ser ministrados nas oficinas ofertadas pelos servidores e alunos. Os temas apontados foram: beneficiamento do pescado, plantas medicinais, tinta ecológica, plantas não convencionais, sustentabilidade e saúde bucal. Os temas foram apresentados aos servidores e alunos que prontamente aceitaram e começou então o estudo de viabilidade para realização de cada uma. A ideia de que todos pudessem ser ministrantes de oficinas, seja da comunidade externa ou da comunidade interna, surge a partir da afirmação de Paulo Freire (1987): “Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre”. Portanto, entende-se que todos têm algum conhecimento que possa compartilhado.

As oficinas propostas pelos indígenas foram: artesanato, grafismo e línguas

indígenas, que além de representarem sua cultura são a principal fonte de renda dos mesmos. As propostas foram aceitas pela comunidade acadêmica. Começou então dentro do Parque das Tribos a organização para a realização das oficinas. Oportunizando assim que todos pudessem conhecer o que cada etnia tem como expertise, uma vez que a divisão de tarefas é realizada por etnia.

Além das oficinas ofertadas pelos indígenas, o evento oportunizou também um espaço onde os comunitários do Parque das Tribos Tarumã tiveram a oportunidade de expor seus trabalhos artesanais como forma de divulgação da atividade e também uma forma de obtenção de recursos. Assim como os artistas de pintura corporal que também estiveram durante todo o evento realizando atividades de pintura nos presentes.

Na abertura do evento os indígenas apresentaram as danças dos curumins e cunhatãs denominada Marakanandé (Figura 2). Formada por crianças de diversas etnias, a dança se propõe a mostrar a música e rituais dessas diversas etnias. Além dessa, apresentaram-se também o projeto de flauta doce formado por servidores e filhos de servidores do *Campus* Zona Leste (Figura 3) e o grupo de danças artísticas do IFAM.

Figura 2: Dança Indígena.



Fonte: Arquivo da PROEX, 2017.

Figura 3: Apresentação do grupo de Flautas do CMZL



Fonte: Arquivo da PROEX, 2017.

DAS OFICINAS

O ponto alto do evento foram as realizações das oficinas e minicurso. A oficina “Tons da Terra” proporcionou aos indígenas aprenderem a produzir tinta ecológica utilizando produtos de baixo custo e como forma de utilizar matéria prima retirada do próprio solo. A tinta pode ser aplicada de diversas formas, e principalmente como forma de obtenção de recurso.

As oficinas de beneficiamento do pescado (Figura 4) e a fabricação de sabão através de óleo vegetal, também foram realizadas para que indígenas possam utilizar como obtenção de recursos. As oficinas de saúde bucal e brinquedos recicláveis (Figura 5) foram realizadas para as crianças indígenas, trazendo à tona assuntos como saúde e cuidados com o meio ambiente, pois os brinquedos foram construídos com materiais que provavelmente iriam para o lixo.

Figura 4: Oficina de beneficiamento do Pescado



Fonte: Arquivo da PROEX, 2017.

Figura 5: Oficina de Brinquedos Recicláveis



Fonte: Arquivo da PROEX, 2017.

As oficinas de artesanato indígena (Figura 6) e grafismo indígena ultrapassaram o número de participantes. Foi grande a procura da comunidade acadêmica pelas oficinas.

Figura 6: Oficina de artesanato



Fonte: Arquivo da PROEX, 2017.

A realização de um minicurso com a temática: “linguagem” foi uma das grandes realizações da jornada. Nesse minicurso os indígenas ensinaram falas básicas de alguns idiomas indígenas, como o Nheengatu e Tukano.

Na tabela 1 podemos observar a quantidade de participantes em cada uma das oficinas e seus respectivos ministrantes.

Tabela 1: Oficinas realizadas durante o evento

| Oficina | Ministrante | Nº de participantes |
|---------------------------|---------------------------------------|---------------------|
| Artesanato Indígena | Ana Cláudia (Tribo Baré) | 36 |
| Tons da Terra | Fernanda Villanii – Professora do CMC | 26 |
| Brinquedos Recicláveis | Jacira Dall Alba - Pedagoga do CMZL | 25 |
| Grafismo Indígena | Voluntários do Parque da Tribos | 45 |
| Beneficiamento do Pescado | Vandrezza Regina – Professora do CMZL | 30 |
| Sabão ecológico | Jacira Dall Alba – Pedagoga do CMZL | 35 |
| Saúde Bucal | Enfermeiras do CMZL | 30 |
| Linguagens | Voluntários do Parque das tribos | 30 |

Fonte: Próprio autor, 2017.

O encerramento do evento foi uma grande festa onde anciãos indígenas orgulhosamente apresentaram suas danças com uma mistura empolgante de sons realizados através de uma flauta de fabricação própria (Figura 7). A dança para os indígenas representa a união dos povos indígenas. Após a apresentação todos os presentes foram convidados a se juntar a dança, formando um grande grupo de indígenas e não indígenas comemorando a diversidade cultural presente naquele lugar.

Figura 7: Apresentação Cultural.



Fonte: Arquivo da PROEX, 2017.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o evento ficou evidente que a diversidade cultural amazônica pode ser palco de compartilhamentos com estreitamento de laços e promoção de interações. Além disso, a modalidade interativa despertou nos educandos do IFAM encantos em trocar experiências de forma natural, respeitosa, com olhares atentos e com grande receptividade pelos envolvidos. A Jornada cultural salientou a importância de promover o espírito solidário, contribuindo com a formação de valores, participação social e exercício da cidadania. O sentimento de relatar as vivências nos motiva a buscar novas experiências no âmbito da extensão, com a participação dos educandos no despertar da curiosidade, como atores desenvolvedores

das ações, apresentando resultados positivos enfatizando a construção de projetos e programas institucionais por muitas mãos.

Outro aspecto que pode ser observado durante a realização da Jornada é a importância da extensão para o acesso das classes minoritárias ao Instituto Federal. Muitas vezes essas classes não participam do processo seletivo do IFAM, pois não conhecem as oportunidades, porém eventos como a Jornada oportunizam que essas classes conheçam as instalações do Instituto e os cursos que são ofertados, despertando assim o desejo deles de estudarem no IFAM.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao IFAM por viabilizar Programas como o PAEVE que fomentam eventos como a Jornada Intercultural. A equipe da Pró-Reitoria de Extensão que voluntariamente contribuiu para realização do evento. Agradecemos também ao Diretor Geral do *Campus* Manaus Zona Leste, Professor Aldenir Caetano e a Coordenadora de Extensão do referido *Campus*, Maria Suely Santos Guimarães, que abraçaram o evento e apoiaram a sua realização. Aos Comunitários do Parque da Tribo Tarumã por não terem medido esforços para realização do evento. Aos estudantes e servidores do *Campus* Manaus Zona Leste e Manaus Centro que deram do seu tempo e conhecimento na realização das oficinas e organização do evento.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, realizado em 2015.

MENESES, Paulo. **A cultura no plural**. Síntese: Revista de Filosofia, v. 20, n. 63, 2011.